

Anos dourados d

A Revista surge no pós-Guerra, apoiada pelo ideal de promover o desenvolvimento da fotografia no País. A época, favorável ao fervor cultural, que tomou conta do Brasil, fez surgir artistas, museus, instituições de ensino e pesquisa

por Rubens Fernandes Junior

IRISFOTO N° spécial
50 ans - 1997

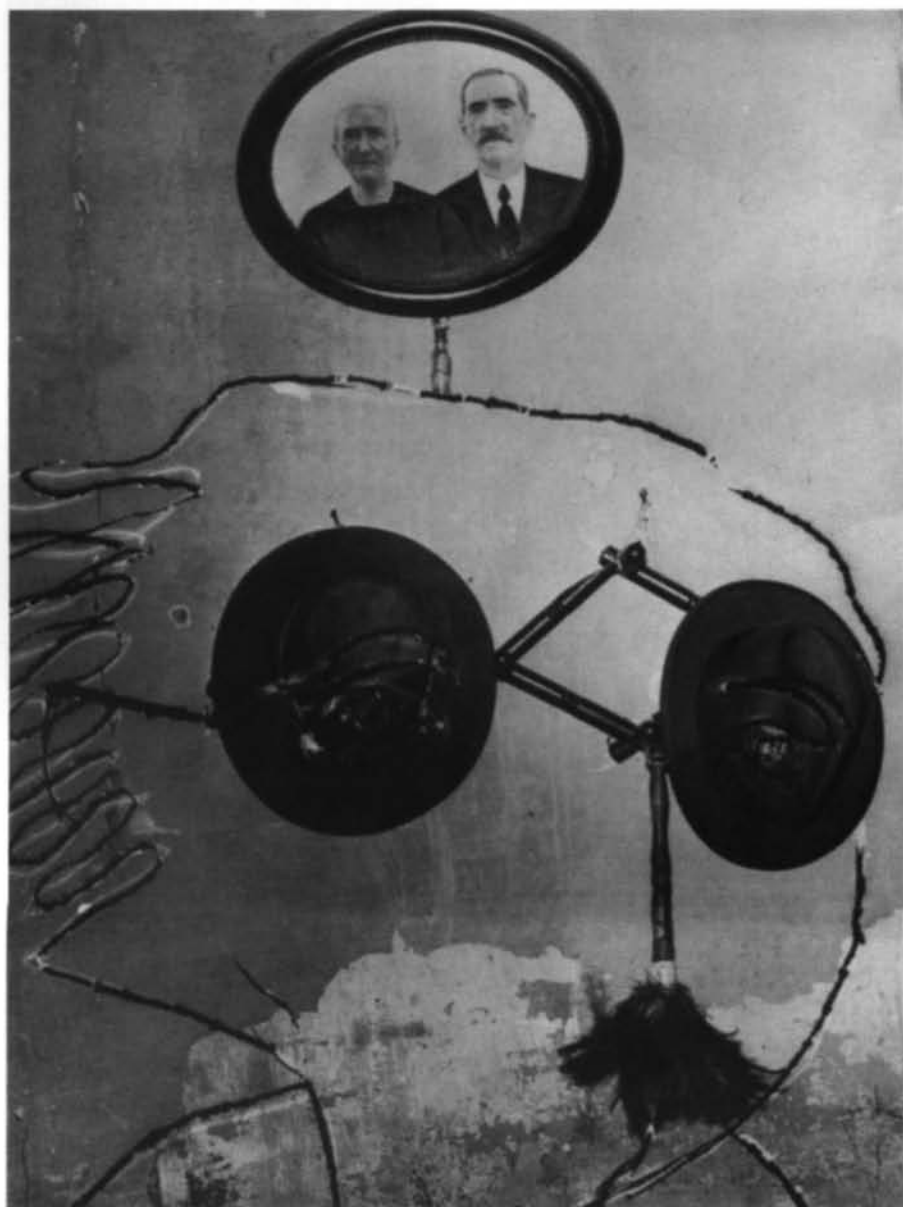


Foto: Gerardo de Barros

A "homenagem a Stravinsky", de 1949

A Revista IRISFOTO está comemorando 50 anos no momento em que o Brasil ocupa o primeiro lugar em otimismo no mundo e é considerado um dos mais promissores em termos de investimentos futuros, segundo

dados de uma pesquisa do Instituto Gallup, realizada em 47 países, em diferentes regiões do mundo.

Parece incrível, mas foi exatamente uma situação semelhante, após a Segunda Guerra Mundial, que levou o imigrante alemão Hans

a fotografia



Do Parque D. Pedro, os olhos se voltam para o edifício mais alto da cidade, da década de 40

Koranyi a empenhar sua energia na criação de uma editora. Sua primeira idéia foi editar uma revista de Foto-Cinematografia, e a publicação de livros técnicos e culturais.

No primeiro número, o editorial "A missão cultural da fotografia" defendia a necessidade de superação do pessimismo, da desconfiança e do medo, pois todos os homens "já estão fartos de saber que é justamente esse o flagelo do mundo. Não se trata mais de diagnosticar, e sim de curar. Já sabemos de sobra qual a nossa doença; desejariamos agora saber como livrarmos-nos dela".

Com coragem, determinação e confiança no país que o acolheu e que dava os

primeiros sinais de recuperação, Koranyi trazia à tona esta dimensão de crise e superação, aliás uma das características constitutivas do conceito de modernidade. É bom lembrar que o final da década de 40 foi significativo para o florescimento da arte e da cultura, e que, durante mais de uma década, o País viveu um intenso processo de fermentação sócio-político-cultural.

O ano de 1947 foi o início desse estimulante processo que projetou e consolidou as instituições culturais do País. Inúmeras delas também comemoram 50 anos de existência, entre elas, a Faap - Fundação Armando Álvares Penteado e o MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis

Chateaubriand, o mais importante e mais reconhecido museu brasileiro no exterior.

Talvez pensando como Guilherme de Almeida, "São Paulo não pára numa fotografia. Move-se num filme", é que Koranyi idealizou uma revista de imagem e técnica para São Paulo. Considerada metrópole emergente, recebia com orgulho os novos edifícios no centro da cidade, entre eles a sede oficial do Banespa, na Praça Antonio Prado, concluída em 1946, mas inaugurada oficialmente em 1947. Inspirado no Empire State Building, tinha 35 andares e era considerado na época, o mais alto edifício da América Latina.

O final dos anos 40 provocou intensa

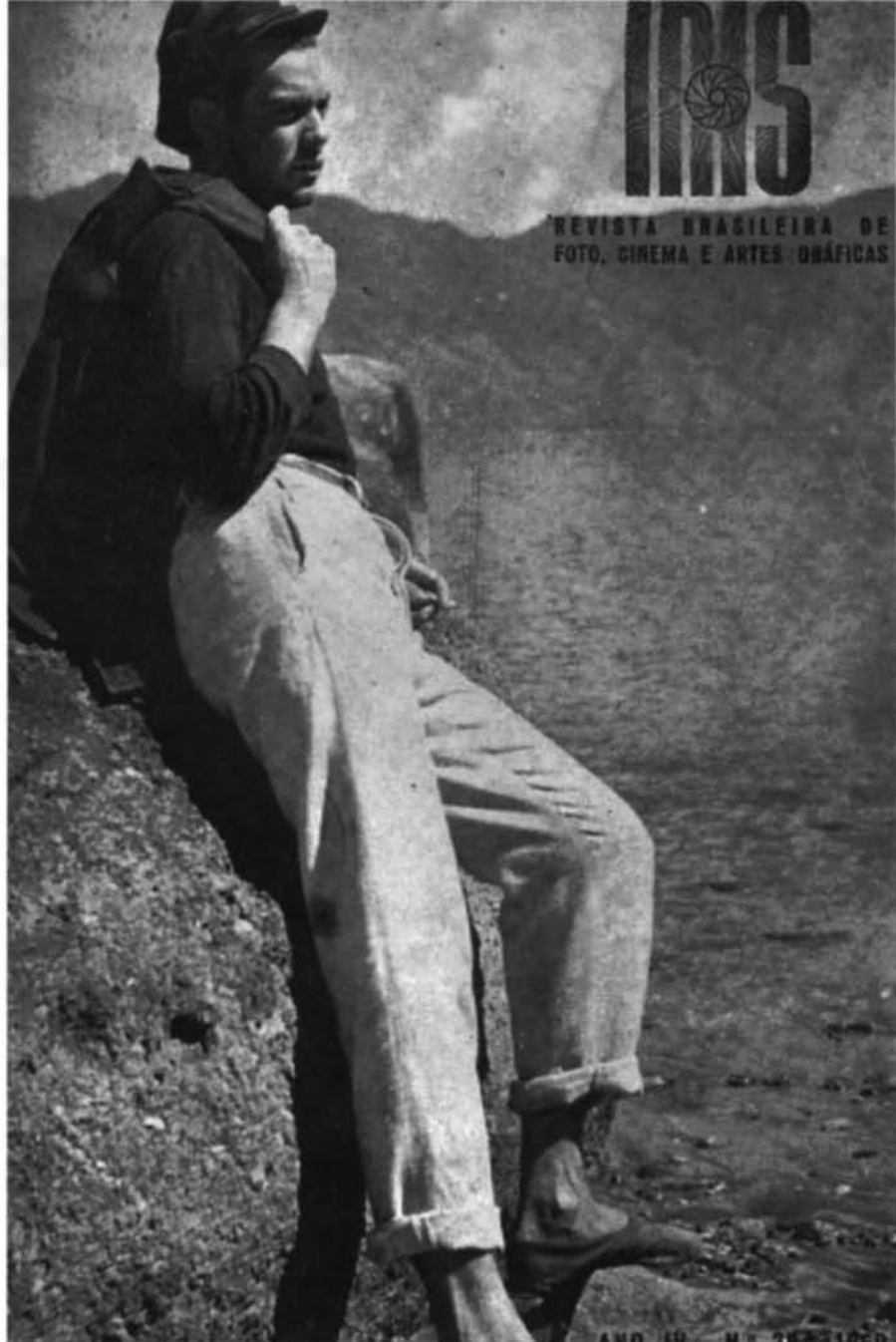


Foto: reprodução Arquivo IRISFOTO

Capa de 1950 para o lançamento do filme "O Caiçara"



Cartaz da 1ª Bienal de São Paulo, na revista de 1951

agitação e euforia nos meios culturais. Em 1948, o País entra no circuito internacional das artes plásticas contemporâneas, com a criação do MAM-SP, por Cicilo Matarazzo, e do MAM-RJ, por Paulo Bittencourt. Em São Paulo, o italiano Franco Zampari, fundou a Sociedade Brasileira de Comédia, embrião do Teatro Brasileiro de Comédia, uma das iniciativas pioneiras de profissionalizar o teatro no País. O fotógrafo e ator alemão Fredi Kleemann, que atuou em várias produções, fez um registro pioneiro e impressionante desse período. Clássico e de inquestionável valor histórico,

publicava regularmente na IRIS, nome que a Revista tinha na época.

Museus, escolas, cinema e bossa-nova

É desse período a criação da GV - Fundação Getúlio Vargas; da PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica; do ITA - Instituto Tecnológico da Aeronáutica, e da SBPC - Sociedade Brasileira de Progresso e Ciência e que, juntamente à USP, transformaram-se em pólos de discussão política, cultural e científica do País.

Em 1949, foi idealizada a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, por Franco Zampari e Cicilo Matarazzo, entre outros,

a melhor experiência industrial na área do cinema. A primeira produção, *Caiçara*, produzida pelo festejado Alberto Cavalcanti e dirigida pelo italiano Adolfo Celi, foi amplamente divulgada na Revista IRIS, e chegou a ser capa em fevereiro de 1950, época de seu lançamento.

Neste mesmo ano, ocorre a primeira transmissão de tevê pela Tupi de São Paulo, a primeira emissora da América Latina, de propriedade de Assis Chateaubriand. A editora Abril lança a revista *O Pato Donald*, de história em quadrinhos, que popularizou os personagens de Walt Disney. A primeira



Reprodução



O Pelé de 1958, nas páginas da revista O Cruzeiro

A dançarina, de Thomas Farkas, publicada na primeira edição

tiragem de 82.000 exemplares, é hoje peça de colecionador.

Por outro lado, o jornal *O Estado de S. Paulo*, contava com a atuação de críticos e intelectuais de prestígio. Entre eles, Antonio Cândido de Melo e Sousa, crítico de literatura; Paulo Emilio Salles Gomes, crítico de cinema e fundador da Cinemateca Brasileira; Lourival Gomes Machado, crítico de artes plásticas, que desempenhou um papel fundamental nas primeiras bienais; Décio de Almeida Prado, crítico de teatro, e Alfredo Mesquita, que organizou a EAD - Escola de Arte Dramática, vinculada à USP.

Toda essa efervescência cultural pulsava numa cidade que já contava então com 2 milhões de habitantes em 1950. A Revista IRIS sem a perspectiva de fazer história, se colocava na posição de observadora e divulgadora das novas formas de construção de referências políticas e estéticas.

Toda essa euforia desenvolvimentista da década de 50 foi registrada nas páginas da revista semanal *O Cruzeiro*, que chegou aos 720 mil exemplares com o suicídio de Getúlio Vargas, em 54. Assis Chateaubriand convidou o fotógrafo francês Jean Manzon, da *Paris Match*, para criar um estilo

fotográfico para a revista, que posteriormente revelou nomes como José Medeiros, Luís Carlos Barreto, Indalécio Wanderley, Ed Keffel, Luciano Carneiro, e muitos outros. Sua concorrente, a revista *Manchete*, só apareceu em 1952, dirigida por Adolpho Bloch.

As primeiras bienais colaboraram decisivamente na construção desse movimento sócio-cultural. O MASP abriu espaço para a fotografia e mostrou o inquietante trabalho de Thomas Farkas e o transgressor ensaio de Geraldo de Barros, ambos publicados pela Revista IRIS. O movimento fotográfico da década de 50 ainda girava em torno do Foto-Cine Clube Bandeirante, mas a Revista voltou sua atenção para o cinema, onde teve como colaboradores Carlos Ortiz e Anatol Rosenfeld.

A década de 50 também foi importante por outros acontecimentos que denotam o entusiasmo nacional do período e a necessidade de estar sintonizada com os pólos culturais emergentes: a criação da Petrobrás, 1951; o cinema novo, que inicia sua trajetória em 1955, no filme realista *Rio, 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos;

o Parque do Ibirapuera, com projeto de Oscar Niemeyer, inaugurado em 1954; o rock-and-roll de Elvis Presley, a primeira ruptura violenta no vestir, pensar e agir da juventude; a bossa-nova em 1958, quando João Gilberto cria uma "batida" diferente no violão, com acordes alterados e melodia inesperada; a conquista do título de campeão mundial de futebol e a consagração de Pelé, em 58; o início das obras de Brasília, em 57, inaugurada em 60; e a eleição de JK Juscelino Kubitschek, presidente empossado em 1956, que prometeu "fazer 50 anos em 5".

Além da revista IRIS e dos espaços dos fotos-clubes, a fotografia encontrava seu espaço nas revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* e, a partir de 1957, no *Jornal do Brasil*, primeiro diário que reformulou sua paginação para valorizar a imagem, com projeto de Reynaldo Jardim e Amílcar de Castro, mestre do construtivismo no Brasil.

Ficando para a história

Nas décadas seguintes, a Revista, já chamada IRISFOTO, continuou sintonizada com a cultura e a técnica da imagem e do som. Inúmeros fotógrafos, críticos e



Cacilda Becker, em "A Dama das Camélias"

historiadores foram seus colaboradores e construíram o que hoje é, mesmo que parcialmente, uma memória organizada da fotografia brasileira.

Nos anos de chumbo da cultura brasileira, 1964-1974, IRISFOTO como outras publicações, também oscilou entre bons e maus momentos. A máxima do regime militar, "segurança nacional e desenvolvimento", foi viável graças ao apoio das emissoras de televisão, que

transformaram os hábitos nacionais, impondo novas regras ao mercado publicitário e uma nova percepção de tempo e espaço.

Só no final dos anos 70 é que a Revista inicia um processo de reformulação gráfica e conceitual. Ganham divulgação os port-folios, o fotojornalismo mais politizado e engajado na luta pela democracia, e os novos espaços em galerias especializadas, museus e instituições culturais.

Sem pretensão, a Editora IRIS foi se consolidando e a Revista foi ocupando seu lugar no mercado editorial. Ao mesmo tempo, com acertos e erros, foi acompanhando e incorporando os avanços tecnológicos da imagem e do som; comentando os principais eventos da fotografia, do cinema, e em alguns momentos, da música; divulgando os melhores fotógrafos brasileiros; e publicando os melhores momentos da fotografia no Brasil e no exterior.